

EDITORIAL

Pós-verdade ou o triunfo da religião?

Plataformas criadas na última década como Facebook, Twitter e Whatsapp replicam notícias e comentários – não necessariamente verdadeiros - que são compartilhados, em grande parte por pessoas conhecidas ou inspiram alguma confiança, o que aumenta a aparência de legitimidade das histórias. Por outro lado, o sistema de algoritmos utilizados pelo Facebook por exemplo, cria “bolhas” que isolam os usuários, fazendo-os receber somente informações que corroboram seu ponto de vista. O que deveria ser um contraponto à esta situação, a imprensa, que tradicionalmente teria a responsabilidade profissional de checar os fatos, têm progressivamente perdido espaço para as redes sociais, ficando as vezes à margem na formação das narrativas que circulam e que constroem a opinião pública, e que por sua vez, influenciam os eleitores.

A situação resultante disso é um esgarçamento dos laços sociais onde não raro não apenas inimigos ou desconhecidos, mas mesmos velhos amigos ou companheiros param de trocar ideias e se entrincheiram junto a outros que aparentemente compartilham seus pontos de vista, passando a fazer fila com aqueles que as vezes têm apenas uma opinião em comum, mas que tem outras das quais ele não necessariamente compartilha. Por exemplo, se sou contra ataques terroristas (e só de usar este termo, terrorista, já me perfilo de um lado da questão), posso receber mensagens contra muçulmanos, xenófobos, nacionalistas etc.

Entender a teoria freudiana sobre o narcisismo parece ser uma ferramenta bastante útil para entender o que se chama hoje de pós-modernidade, cultura digital ou mais recentemente pós-verdade (a palavra do ano de 2016, segundo a universidade inglesa de Oxford). O Oxford Dictionaries, departamento da universidade responsável pela elaboração de dicionários definiu “pós-verdade” (“post-truth”) como um adjetivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. A teoria sobre o narcisismo neste ponto, poderia nos ajudar a entender de que modelo de crença estamos falando aqui.

João Angelo Fantini
Editor